

Jornalismo amoroso. Quem quer (a)provar? Reflexões sobre a aplicação de práticas pedagógicas amorosas, na formação e no cotidiano do jornalista

Maria Luiza Cardinale Baptista¹

Considerações Iniciais

*“Amar
Que pode uma criatura senão,
Entre criaturas, amar?
Amar e esquecer,
Amar e malamar,
Amar, desamar, amar?
Sempre, e até de olhos vidrados, amar?”*

Carlos Drummond de Andrade

Há algum tempo, venho falando do amor, em relação à Comunicação². Em alguns ambientes – em especial, o acadêmico –, muitas vezes encontro alguns narizes torcidos, como se estivesse tentando juntar mundos impossíveis. São narizes que escondem pessoas marcadas pelo traço da Mo-

¹ Doutora em Ciências da Comunicação, pela Universidade de São Paulo (2000) e professora da Universidade de Caxias do Sul.

² Uma das situações em que a questão foi abordada diretamente foi a apresentação de um trabalho no Congresso da Intercom, de 2004, intitulado “Comunicação, Amorosidade e Autopoiese”, além de outros trabalhos meus relacionados à emoção, à afetividade e subjetividade nos processos comunicacionais.

deriedade³, que aprenderam a viver e a conhecer o mundo, buscando o visível, buscando os dados concretos, que pudessem oferecer-lhes segurança do conhecimento. Em vão. Percebo que essas pessoas aprisionam-se em amarras que reduziram a percepção da realidade à lógica objetivante... quer dizer... elas acreditam no que veem, no que é possível ser constatado.

O jornalismo, neste sentido, foi “contaminado” pela síndrome da realidade objetivada, transformada em objetos factuais. Assim, o que devia ser considerado jornalístico eram os “fatos jornalísticos”⁴. Estes, então, eram reconhecidos, pela sua dimensão de concretude, de apelo ao que é passível de ser constatado pela sua expressão visível. Isto é bem diferente da maneira como eu vejo o mundo. Talvez essa visão da Malu Cardinale decorra de um traço de poeta, de alguém que se construiu também forjada pela ficção, pela arte, pela poesia... Marcas da literatura, nos traços de uma menina caipira, do interior de São Paulo. Algo como que uma espécie de vício de encantamento do mundo, de percepção das coisas, como se estivessem em lente amplia-

³ Refiro-me, aqui, à época que surgiu em decorrência da chamada Revolução Científica, que ocorreu no final do século XVI e início do século XVII e, depois, da Revolução Industrial, com período de auge do seu desenvolvimento, no século XIX. Os “efeitos” da lógica mecanicista, fundamentada na Física Mecânica de Isaac Newton; reducionista, em Francis Bacon; e cartesiana, em René Descartes já têm sido bastante discutidos por autores contemporâneos (CAPRA, 1991, 1997; CREMA, 1989; SOUSA SANTOS, 1990, 1997) e eu mesma relaciono-os à Comunicação e à pesquisa em alguns dos meus textos (1992, 2001).

⁴ Bem interessante, neste sentido, para compreender o contraponto entre o jornalismo clássico e as possibilidades de abertura, o texto de Edvaldo Pereira Lima (2004), autor que propõe a perspectiva do Jornalismo Literário Avançado.

da... buscando as sensações e os afetos que esta provoca. Hoje, estes são elementos constituintes de um jeito de comunicadora e pensadora da comunicação... “afetivamente afetada”, como eu disse em outro texto (BAPTISTA, 2000).

Percebo que, ao longo da história da produção do jornalismo, em muitos momentos decorrentes do processo de industrialização da informação, a ênfase no caráter objetivo das produções acabou meio que “esterilizando” a prática, em si. O processo foi se mecanizando. O resultado final aparece como repetitivo e marcado essencialmente por uma espécie de ‘piloto automático’. Quando estive nas redações de jornais e rádio, contribuindo para uma produção diária do jornalismo, inquietava-me uma espécie de desencantamento do mundo, por parte de alguns repórteres, uma sensação de burocratização da produção. Nestes casos, terminar a matéria era o objetivo maior – e a necessidade, às vezes decorrente do horário de fechamento do jornal ou de veiculação do programa. A questão, neste sentido, era terminar... não gozar o processo... acabar... livrar-se do texto... por obrigação.

Fui entendendo que faltava exatamente a excitação desejante de quem se prepara – produz sua matéria, sua escrita – para entregar-se ao outro, o leitor desejado. Faltava um cuidado aqui, outro ali... a dúvida quanto à recepção... o esmero com o detalhe. Faltava também a humildade de sentir-se ainda incompleto e, mesmo assim, dada a mobi-

lização amorosa... faltava a decisão de seguir aprontando-se, para ser recebido pelo outro. Faltava desejo!⁵ E isto, do ponto de vista pessoal e profissional, é uma catástrofe.

Atualmente, procuro desenvolver uma prática jornalística, pautada por essa orientação amorosa. As produções jornalísticas, neste sentido, resultam de processos intensos de relações e de respeito mútuo. Os textos são produzidos e discutidos em todo o seu processo, na busca de finalizar produções que possam agradar ao leitor esperado. Nas aulas, os processos instaurados são de produção, mesmo nas disciplinas teóricas.

Eu sei que falar em amorosidade e informação pode soar estranho. Eu entendo bem as origens dessa estranheza. Insisto, só porque esta é uma das minhas maiores convicções. Amorosidade e comunicação são palavras que representam processos de vida, absolutamente entrelaçados. Para entender o que eu digo, é preciso considerar que falo do amor, em sentido pleno, amplo, vinculado, em especial, ao modo como Humberto Maturana (1998), biólogo chileno e teórico contemporâneo, de referência em várias áreas, se refere a ele: “O amor é o reconhecimento do outro, como um legítimo outro na convivência”. Aceitar isso muda tudo.

Veja bem, não estou me referindo, portanto, ao amor ro-

⁵ A noção de desejo, aqui, está fundamentada em Félix Guattari (1987, 1990, 1992, 1995, 1986). Trata-se de uma mobilização intensa, a partir do reconhecimento da potência do devir, do potencial de vivência do prazer que deve vir a ser, que “pode” advir, caso nos coloquemos em ação, em uma determinada direção. A opção pela perspectiva de Guattari foi apresentada, com mais detalhes, em outro texto, quando apresento o contraponto entre a visão deste autor e a de Jacques Lacan (BAPTISTA, 1996).

mântico, ao amor, no sentido da vassalagem, aquele que parece sugerir submissão total ao outro. Falo do amor que pressupõe o respeito ao outro e, neste sentido, é fácil compreender a dimensão amorosa, como matéria-prima para a comunicação, para a produção da informação jornalística e para a contribuição no sentido da constituição de um espaço público de respeito mútuo, múltiplo.

Comunicação é ação de tornar comum. Informação é ação de dar uma outra forma. Assim, não se produz comunicação, se não houver a determinação de encontrar o outro, de entrar em contato e partilhar informação. E também não se produz informação, se o que for veiculado não ‘der uma outra forma’, não afetar, não tocar o receptor. Assim, a lógica amorosa mostra-se como essencial. Primeiro, no sentido de mobilização de quem faz. Uma mobilização que possa nos fazer tremer ao prever o encontro... tremer de excitação, ao pressupor o encontro. Estremecimentos amorosos, que nos fazem nos sentir mais vivos, mais plenos. Depois, uma amorosidade que nos torne incansáveis, no cuidado com o outro... na dedicação exaustiva... para que o outro tenha prazer com o que estamos fazendo...que perceba, nos detalhes, que nós desejamos muito estar onde estamos.

Práticas amorosas no ofício do jornalista

Vamos, então, tentar esmiuçar um pouco as possibilidades das práticas amorosas, nas vivências dos jornalistas.

Se eu parto da ideia do “amor como o reconhecimento do outro, como um legítimo outro na convivência”, eu posso pensar, então, uma série de implicações desse modo de viver e propor as relações, nas práticas jornalísticas. Percebo que é importante trazer a discussão para um nível que não seja somente o epistemológico, no sentido de uma espécie de bússola norteadora... Certamente, um leitor mais cético, com os pressupostos da Modernidade mais arraigados, vai incomodar-se com a proposta. Então, tento agora, avançar para algumas dimensões das práticas vividas pelos jornalistas.

Uma primeira dimensão prática implica pensar a relação do jornalista com os diversos sujeitos com os quais ele se envolve, para a sua produção: as fontes, os colegas de trabalho, as suas chefias, os receptores (leitores, ouvintes, telespectadores, internautas, “olhadores” das fotografias jornalísticas e etc.). Em todos os casos, muitas vezes, percebo surgirem problemas, decorrentes de um modo arrogante – pouco amoroso - de ser do jornalista, que tenta impor seus pontos de vista, *a priori*. O jornalista, então, quando age deste modo, não se constitui como um profissional cuja essência do trabalho é a captação de informações (o que no Serviço Social se chama de “escuta sensível”), o processamento destas, através de técnicas de tratamento informativo, e sua difusão, pelos meios de comunicação existentes. Ele nega, então, o que é a essência da proposta de sua profis-

são, a comunicação. Não há como entrar em contato com o outro, para fazer fluir informações, se não houver a disposição do encontro, verdadeira, plena.

Os problemas começam, muitas vezes, na definição da pauta. Há um nível de pressuposição de resultados informativos, que impede o acionamento de inquietudes. Então, o jornalista vai a campo, para o contato com as fontes, com a matéria na cabeça, como se fosse apenas “confirmar” o que já sabe. Isto trava um processo essencial para a coleta de informações jornalísticas, que é justamente a dimensão de investigação, ação de investir na realidade, no sentido de buscar obter o retorno que ela pode oferecer. A presunção de alguns repórteres – e jornalistas de outras funções – desencadeia um processo de cegueira⁶, que impede ver o que não era pressuposto. Assim, como consequência, as matérias redundam, parecendo ser sempre as mesmas. Parece que perdem o viço, porque têm sufocada a intensidade viva do encontro com as (múltiplas) fontes e com a realidade como um todo. Jornalismo burocrático.

Ao contrário disso, a prática amorosa aplicada ao processo de uma reportagem começa com o gosto de quem intui a intensidade informativa, em relação a um determina-

⁶ Sobre a cegueira contemporânea, não só do jornalista, sugiro a leitura do texto de José Saramago, Ensaio sobre a Cegueira. Trata-se de um romance teórico, em que a metáfora de cegueira branca remete à “cegueira das luzes”, que impede que as pessoas se vejam, como são. As personagens não têm nome, mas são identificadas por sua “função”, na história. Qualquer semelhança com o jornalismo tradicional, em que as fontes são hierarquizadas e cristalizadas numa escala de valores, segundo a sua “função” na matéria, não é mera coincidência. O texto de Saramago (1995) é uma preciosidade.

do acontecimento. E essa intuição só é possível se, além da dimensão técnica da atualização informativa, característica essencial a todo bom jornalista, houver a predisposição de “reconhecimento do outro como legítimo outro”. Deste modo, as fontes precisam ser sentidas como, efetivamente, fontes de informação, e não como postos de confirmação de dados. Fontes, à medida que elas tenham potencial para oferecer informações que possam contribuir com o leitor, no sentido de explicar a realidade. Isto implica em procedimentos éticos e em uma espécie de humildade investigativa, ao mesmo tempo em que precisa estar acionada uma dedicação para com o receptor. Quer dizer, a informação que interessa é a que vai fazer sentido para vida do meu receptor, não a que me chama a atenção, porque confirma hipóteses previamente construídas, com relação a um dado ou outro de realidade.

Que tipo de informação as pessoas precisam? Como posso contribuir para que elas se sintam mais seguras, em relação aos diversos aspectos de sua vida, a partir da contribuição do meu trabalho de jornalista? Estas são questões que deveriam nortear a reportagem, desde a pauta, até a finalização da matéria. Desbaste de traços de arrogância. Ampliação da dimensão de busca informativa. Reconhecimento de que esta busca não é para mim, mas para meu receptor. Assim, mesmo reconhecendo, é óbvio, a subjetividade no processo de produção, é preciso considerar a

noção de sujeito, como aquele que “só existe em relação ao outro, e o outro é tudo o que é não eu”⁷.

Uma das expressões que mais se ouve nas redações é: “Isto não é jornalismo!”, proferida sempre em relação ao trabalho do Outro. Parece, então, haver a presunção de que somente nós mesmos é que sabemos o que é ou não jornalismo. Mas “isto não é jornalismo”, segundo quem? Para quem e a quem serve o jornalismo? O quanto o meu trabalho está contribuindo, está fazendo sentido para as pessoas e não apenas tem sido pensado como um campo de expressão do meu querer, individual? Estas e outras questões decorrentes deveriam ser feitas, no cotidiano, discutidas para refinar o processo e otimizar o trabalho. O receptor tem que saber que o jornalismo é uma atividade técnico-profissional especializada, mas que se caracteriza pelo desejo de atender às suas necessidades informativas e pelo esmero no desenvolvimento de processos de linguagem. Estes processos precisam associar qualidade informacional e requinte estético, sempre segundo o público ao qual se destina, amorosamente em relação a esse público.

Há falta de amorosidade também no relacionamento com os colegas. O nível de disputas no mercado jornalístico,

altamente concorrido, faz com que o traço capitalista selva-

⁷Venho trabalhando este conceito na disciplina de Psicologia da Comunicação, que leciono há quase 20 anos, a partir de diversos referenciais da Psicologia – da Psicanálise à Esquizoanálise - e da Comunicação – especialmente autores contemporâneos -, bem como algumas incursões em outras áreas que possibilitam conhecer o humano e suas inter-relações. (BUBER, 1974; ECO, 1990, 1996, 1993, 1984; LIPOVETSKY, 1983, 2000; MAFFESOLI, 1995, 1987; SODRÉ, 1994, 1996, 1987)

gem, de competição acirrada entre pares, seja a marca das redações. Assim, mata-se a possibilidade de cooperação, de interação colaborativa, que poderia gerar uma maior qualificação do processo de produção das matérias. “O erro do outro evidencia que ele não tem qualidade e isto, talvez, me coloque em situação de vantagem, diante da chefia”. Este parece ser um sentimento inconsciente – e, pior, em alguns casos, consciente - que faz com que, muitas vezes, colegas não se ajudem.

Mais que isso, há o encontro com outros profissionais, envolvidos no processo. São diagramadores, motoristas, secretárias, fotógrafos, técnicos de áudio, operadores de câmeras, etc. Estes, muitas vezes, são tratados com desdém, pelos jornalistas profissionais, como se fossem “seres inferiores”, no processo, quando, na verdade, isto não é pertinente. Ninguém é desprezível no processo. Todos são igualmente fundamentais. Qualquer resultado, então, vai depender da ação de muitos sujeitos e, portanto, nunca é resultado do brilho individual de um jornalista. Há que se desmontar, então a prepotência e aprimorar traços de amorosidade, no sentido do “reconhecimento do outro, como um legítimo outro, na convivência”. Isto implica, é claro, em um aprimoramento das possibilidades de convivência, segundo padrões éticos e mais humanos.

Igualmente, as relações com as chefias são conturbadas. Muitas vezes, os postos de chefia são ocupados por su-

jeitos que “despencam” nas equipes e que não conseguem se constituir lideranças. Sujeitos que ocupam os postos de poder nas redações, como “ditadores da informação”, ancorados pelo status de editor, chefia de reportagem, secretário de redação, entre outras denominações de funções de chefia. Quando isto acontece, porém, certamente perde o jornalismo como um todo e o receptor, em especial, que vai entrar em contato com um produto realizado na tensão, não na excitação amorosa.

A fragmentação do processo jornalístico, a ênfase nos papéis e nas funções, tradicionalmente esterilizou o ofício, porque tirou o gosto de acompanhar a produção como um todo. Não são raros, neste sentido, os descontentamentos de repórteres, que vêem suas matérias estraçalhadas, por quem não acompanhou o acontecimento. Assim, surge a possibilidade de advir o desânimo e o desencanto... que transforma a prática cotidiana em uma sequência de pautas-tarefas, a serem cumpridas mecanicamente. A lógica, então, é simples; falta amorosidade, falta afeto e intensidade na produção, cai a qualidade.

Amorosidade e as práticas pedagógicas

Fico pensando que esta perspectiva da amorosidade não surge do nada. A tendência à amorosidade é algo inerente ao ser humano, mas sua prática nas relações é algo que precisa ser experienciado. No plano individual, o su-

jeito aprende a ser amoroso, a partir das relações amorosas em que se vê inserido e vai se reconhecendo com sujeito de si. Trata-se do processo de individuação, que se constitui uma espécie de alicerce amoroso, sobre o qual vão se produzir outras relações (amorosas ou não). Nas práticas profissionais jornalísticas, também se percebe que a amorosidade precisa ser experienciada e isto tem que ser iniciado no processo de formação, nas práticas pedagógicas.

Praticamente tudo o que eu disse com relação ao cotidiano do jornalista se aplica ao cotidiano das relações de ensino-aprendizagem. Primeiro, muitas vezes, também há um desrespeito pretensioso com relação às fontes e os receptores. Produzem-se, então, aulas e situações de ensino com a lógica transmissiva, como se o receptor fosse uma caixa receptadora de conteúdos... um lugar a ser preenchido⁸. Daí a ideia de “passar conteúdos”. Por mais arcaica que pareça essa lógica, principalmente após os escritos de Paulo Freire (1997), ela não é rara de ser encontrada. Quem convive com ambientes acadêmicos, sabe que é comum o tom de arrogância e de presunção de poder, inerente ao saber acumulado. Isto não contribui para a educação como um todo e muito menos para a formação de jornalistas comprometidos com as necessidades do exercício de sua profis-

⁸ Estes pressupostos vão contra a lógica da comunicação-trama, com a qual trabalho, como resultado de um processo complexo de interação de sujeitos, mediada ou não por tecnologias informacionais, marcada por fluxos informativos, tanto corporais quanto incorporais, significantes e a-significantes. (BAPTISTA, 1996; 2001, 2000, 1992). Estão adequados, ao contrário, ao que foi preconizado pela lógica funcionalista e, mesmo do modelo comunicacional presente na chamada Teoria Crítica, dos estudos de Comunicação.

são, cuja essência é C-O-M-U-N-I-C-AÇÃO.

No caso das fontes, em geral, os autores, eles são adorados ou odiados, julgados em tribunais de programas de graduação e pós-graduação, ovacionados ou rejeitados, dependendo dos “conteúdos” já presentes em seus pretensiosos leitores. Não são buscados como fontes. Não são lidos de modo contextualizados, como homens e mulheres do seu tempo, com suas idiossincrasias e ambivalências. Resultantes de seus traços subjetivos e suas marcas sócio-político-econômicas. São vistos como ‘pais teóricos’, que, como tal, geram sentimentos também ambivalentes, dependendo da relação filial que se estabelece com eles. Os jornalistas poderiam aprender mais sobre fontes, se entendessem quem são os autores, em que contexto produziram suas teorias, como eles se relacionam com o mundo, com a realidade que gerou esses conceitos. E aprenderiam melhor não apenas os conceitos, mas entenderiam como lidar com “as fontes”, também no jornalismo, com respeito, como “reconhecimento do outro, como legítimo outro na convivência”. De novo... de modo amoroso.

O mesmo aplica-se às fontes de pesquisa. Há alguns anos, em Goiânia, o líder dos posseiros da cidade pediu a palavra em um evento de Comunicação, onde estavam reunidos estudantes, pesquisadores, autores, professores das principais universidades brasileiras, bem como jornalistas profissionais do mercado. Este senhor, posseiro, cri-

ticou duramente os profissionais de Comunicação, que, no terceiro dia do evento, repetiam a prática de outros eventos dos quais ele participara.

Eu vim aqui com a intenção de aprender alguma coisa. Mas eu não estou aprendendo nada, porque vocês só reclamam. A câmera que está circulando no evento de vocês não é da Universidade Federal de Goiânia, nem do Sindicato dos Jornalistas de Goiás. É da nossa associação de posseiros, porque, em vez de reclamar, nós vamos à luta e fazemos as coisas. Eu também estou cansado de receber estudantes de comunicação que vão até a nossa associação ‘pesquisar a gente’, usando uma tal metodologia, e nunca mais voltam para dizer o que aprenderam e nem nunca pararam para dizer o que é metodologia. Eu não ouvi, em nenhum momento, vocês discutirem como vocês vão devolver pra nós, sociedade, que pagamos impostos e que não temos acesso à universidade, a oportunidade que vocês têm de produzir conhecimento. Não ouvi nada do que eu vim buscar...

O posseiro trouxe um dado importante: é comum que os pesquisadores de comunicação e, neste sentido, também de jornalismo, se disponham a ir a campo, para ‘colher’ informações do outro, mas não é tão comum a preocupação com ‘devolver, repartir os frutos da colheita’. Evidentemente, neste caso, também falta amorosidade.

Outro dado perverso é a contaminação do espaço acadêmico com a lógica capitalista. A relação de ensino-aprendizagem, norteadada por programas orientados por

consultorias administrativas ou modelos próprios de gestão, cujo gerenciamento é orientado apenas para resultados financeiros. O discurso é sempre o mesmo. Diminuir gastos, otimizar a produção, planejar mercadologicamente o futuro da instituição, para que esta e todos nós possamos sobreviver. O que não se questiona, muitas vezes, é algo que é básico, no marketing, ou seja, quais são as especificidades do produto da Universidade? Que produto é esse? O conhecimento mínimo de marketing ensina que não se pode fazer nada sem considerar essas especificidades. Todo o planejamento estratégico de uma empresa tem que ser orientado por isso e pela sua relação com as outras dimensões estratégicas – para citar o esquema mais simples: temos os quatro Ps, produto, preço, praça e promoção. (KOTLER, 1999; GRACIOSO, 1986) E mais, no cenário internacional, há ondas de conscientização de que a fidelização dos clientes passa por um envolvimento mútuo e um comprometimento das empresas para a satisfação das necessidades e anseios destes clientes. Entende-se, então, que nada pode dar certo, pode ter futuro, se não fizer sentido para o consumidor. A própria preocupação com o que tem se chamado de responsabilidade social, que também é uma tendência no mundo empresarial, questiona algumas ações ditas estratégicas, promovidas por instituições acadêmicas.

Assim, a grande contradição é que essa orientação geral, de acolhimento do consumidor e atendimento das suas

necessidades básicas, deveria acionar processos de amorosidade, a começar pelo gerenciamento das universidades e dos cursos. Depois, reconhecendo as características intrínsecas do processo de ensino-aprendizagem, tem que ser evidenciado que este é acionado com a cumplicidade produtiva do receptor. Então, é impossível que seja decorrente da ação de um professor prepotente, por mais conteúdo acumulado que este tenha. O processo mesmo só vai ser desencadeado através do encontro intenso, respeitoso, de quem, como educador, se aventura no encontro com os saberes do outro. Propõe-se, como cúmplice e ouvidor atento, às demandas e desejos de conhecimento do outro. Inquieta-se e angustia-se, alegra-se e vibra... desacomoda-se dos seus saberes cristalizados...mas isto seria, também, desocupar um lugar de saber-poder e nem todo mundo está disposto a isso.

Percebo, neste sentido, que práticas amorosas teriam muito a contribuir no processo de formação dos jornalistas. E contribuir de modo inteiro, pleno, como é próprio do amor. O amor nos mobiliza, nos torna ternos e impetuosos, nos torna cuidadores e amantes, dedicados, obstinados na manutenção do laço amoroso. Assim, os jornalistas ganhariam saber comunicacional, nas interações com os receptores; os receptores ganhariam qualidade informacional nas produções; os empresários lucrariam muito, porque seu “produto” seria um bem essencial, coisa que nem sempre é percebida pelos atuais consumidores.

Igualmente, as universidades, com seus cursos, começariam a fazer mais sentido para os alunos que, hoje, muitas vezes, passam pelas não à toa chamadas “disciplinas”, para cumprir créditos, tentando se livrar de empecilhos à prática produtiva. Os professores, muitas vezes, são sentidos como adversários a serem enfrentados, para superar esta etapa da vida. Eu sei, parece exagerado, mas há muita gente desencantada também nos ambientes de educação. Nos corredores das universidades, a chamada Rádio Corredor alardeia boatos e informações que assustam alunos, em relação a esta ou outra disciplina, a este ou aquele professor. Amplia-se, assim, o fosso de distanciamento entre professores e alunos, o que é prejudicial para todos envolvidos.

Nas salas dos professores, a ‘choradeira’ também é grande, uma espécie de muro das lamentações, pela suposta incompreensão e desleixo dos alunos. Pra citar só um exemplo, certa vez encontrei um grupo de colegas, reclamando exaustivamente da qualidade dos textos dos alunos, ironizando as produções, exibindo-se mutuamente, na exposição dos erros crassos. Ouvi atentamente frases como: “Com este tipo de alunos, não dá pra trabalhar. Assim não é possível!”. Em determinado momento, fui questionada e limitei-me a responder, o que, para mim, é o óbvio: “A questão é como podemos alterar essa situação com o aluno que temos. Como estabelecer com eles um processo, que reverta as dificuldades?”. Na prática, o que ocorre é simples. Fal-

ta amorosidade. Falta reconhecimento do outro como legítimo outro, na convivência. Falta respeito às condições, à carência, mas também ao potencial dos alunos que temos. E o pior de tudo é saber que este mesmo comportamento vai ser reproduzido pelos alunos, que um dia serão profissionais, em relação aos outros seres que, supostamente, sabem menos... Marcas de uma amorosidade faltante, marcas da falta de acolhimento do outro, como outro mesmo, em suas condições existenciais.

Percebo, neste sentido, que a amorosidade é algo que pode ajudar a enfrentar o mal-estar, reinante nas redações e nos ambientes acadêmicos. Pode acionar a mobilização para a produção e disposição de encontro respeitoso com o outro, sem considerá-lo, *a priori*, um inimigo na trincheira, alguém que está tentando me enganar ou impor algum conteúdo que eu não quero, ou como um que é menos que eu, que está impossibilitado de crescer, despotencializado.

Lembro de uma supervisão de texto que fiz, para uma dissertação, posteriormente aprovada na Faculdade de Psicologia da PUC de São Paulo. O trabalho, de Lígia Hecker Ferreira (1998), foi intitulado de O Mal-Estar na Escola e trazia a discussão sobre três tipos de mal-estares. O primeiro, pelo sofrimento. Então, existem pessoas que, por constatarem o mal-estar, sofrem, sofrem... O segundo, pela reclamação. Desencadeiam-se, então, ondas de reclamação, em todas as direções, parecendo mais *tsunamis* das redações

e universidades. São processos que arrasam os territórios subjetivos. Não resolvem nada, mas seus produtores, os da reclamação, têm a sensação de que fazem alguma coisa, porque reclamam. O terceiro tipo de mal-estar é apresentado pela autora como o Trampolim para o Futuro, aquele que nos põe em movimento, em busca da transformação da condição que causa o mal-estar.

Esta última noção está ligada ao que Francisco Varela chama de enação, o que seria literalmente fazer emergir. Vincula-se, ainda, à noção de autopoiese, apresentada por Humberto Maturana. Autoproduzir-se, inventar-se, reinventar-se. Esta proposta está associada intrinsecamente à amorosidade e ao desejo, na medida em que, para colocá-la, efetivamente, em ação é preciso acreditar e ter acionadas, em si, intensidades afetivas... É preciso ser afetado pelos processos. Nas práticas pedagógicas e nas práticas das redações, percebo que, muitas vezes, isto não acontece. A pista parece-me ser o envolvimento do sujeito nos processos produtivos. A lógica precisa ser vinculada ao sujeito em si, precisa ser desacomodadora e suficientemente instigante. Isto se produz com ambientes de segurança e não ambientes ameaçadores. É o que nos ensina, entre outros autores, Humberto Maturana:

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressiva-

mente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. [...] A educação como 'sistema educacional' configura um mundo, e os educandos confirmam em seu viver o mundo que viveram em sua educação. Os educadores, por sua vez, confirmam o mundo que viveram ao serem educados no educar.(MATURANA, 1998, p.29)

Pra me despedir, a oficina do beijo

A Oficina do Beijo tem sido trabalhada na disciplina de Psicologia da Comunicação, em uma aula em que eu discuto as relações dos sujeitos e as tribos. Parto de dois referenciais teóricos diferentes. Sigmund Freud, com o seu texto de Totem e Tabu (1976), e Michel Maffesoli, com O Tempo das Tribos (1987). Realizo uma oficina de formação de tribos, para que os alunos compreendam a trama psicológica e comunicacional, que se estabelece na conformação dos territórios subjetivos tribais. Nas aulas anteriores, anuncio e os provoco a não faltarem, em hipótese alguma, na aula das tribos, dizendo que haverá uma oficina surpresa.

A Oficina do Beijo acontece da seguinte maneira: em um determinado momento, eu peço licença e beijo cada um dos alunos, no rosto. O conteúdo já foi razoavelmente trabalhado. Pergunto, então, o que eles acham que eu quis dizer com o gesto e eles vão construindo o significado no

grupo. Em síntese, respondo que quis dizer o que procuro expressar desde o início do semestre. “Eu sou, sim, de outra tribo. A tribo dos professores, mas proponho a relação de ensino-aprendizagem de um modo terno, que procuro expressar no beijo”. Quebro um tabu. Alunos de universidade não são beijados em sala de aula por professoras. Proponho que eles entendam que, quando estou ali, estou inteira, também exposta em meus afetos, disposta afetivamente, cognitivamente, ao encontro intenso, apaixonado, por eles. Eu não preciso desocupar o lugar de coordenação, para viver uma aproximação que provoca emoções diversas e tende a construir pontes sobre o abismo que se construiu entre professores e alunos.

Eu proponho que minhas aulas sejam sentidas como ‘aulas-beijo’, de aproximação terna, para emocionar e fazer com que eles se repensem nas relações com quem os beija. Discutimos, conversamos, rimos. Às vezes nos desentendemos, para, em seguida, nos entendermos... parceiros cúmplices que somos, nessa aventura, que é a relação de ensino-aprendizagem.

Proponho que nós, professores de jornalismo, possamos partir da ideia de que somos uma tribo grande. Há laços intensos que nos constituem, seres semelhantes e diferentes. Somos também de tribos diversas, de instituições diversas, às vezes, até instituições concorrentes, nesse grande ‘mercado’ que se tornou a educação. Para não ir longe

e não ficar só no discurso, como professores de jornalismo, proponho que nós possamos fortalecer os laços que nos unem e compreender que somos todos navegantes do “mesmo barco”. Este mesmo que nos faz compor cursos de existências em busca de conhecimento e aprimoramento para a vida, para as práticas de produção jornalísticas. Jornalismo Amoroso. Quem quer (a)provar? Um beijo, Malu Cardinale (malu@pazza.com.br).

Referências

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. *Comunicação: trama de desejos e espelhos: os metalúrgicos, a telenovela e a comunicação do sindicato*. Canoas: ULBRA, 1996.

_____. Emoção e subjetividade na paixão-pesquisa em comunicação: desafios e perspectivas metodológicas. *Revista Ciberlegenda*, Rio de Janeiro, 2001.

_____. *O sujeito da escrita e a trama comunicacional: um estudo sobre processos de escrita do jovem adulto, como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporâneas*. 2000. 442 f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. Paixão Pesquisa: o encontro com o Fantasminha Camarada. *Revista Textura*, Canoas/RS, v. 1, p. 67-78, 1992.

BUBER, Martin. *Eu e tu*. 2. ed. São Paulo: Moraes, 1974.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão dos sistemas vivos*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

CREMA, Roberto. *Introdução à visão holística: breve relato de viagem do velho ao novo paradigma*. São Paulo: Summus, 1989.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

_____. *A procura da língua perfeita*. Lisboa: Presença, 1996.

_____. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *Viagem na irrealidade cotidiana*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FERREIRA, Lígia Hecker. *O mal-estar na escola: uma pragmática ético-estética*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – PUCSP, São Paulo, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 24. ed. São Paulo: Paz e Ter-

FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GRACIOSO, Francisco. *Contato imediato com marketing*. São Paulo: Global, 1986.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma ético-estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. Linguagem, Consciência e Sociedade. In: LANCETTI, Antonio. *SaúdeLoucura*, n. 2, 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____; ROLNIK, Suely. *Cartografias do desejo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura*. São Paulo: Manole, 2004.

LYPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'água, 1983.

_____. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SODRÉ, Muniz. *A máquina de Narciso: televisão, indivíduo e poder no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *Televisão e Psicanálise*. São Paulo: Ática, 1987.

SOUSA SANTOS, Boaventura. *Introdução a uma ciência pós-*

-moderna. 2. ed. Porto/Portugal: Afrontamento, 1990.

_____. *Um discurso sobre as ciências*. 2. ed. Porto/Portugal: Afrontamento, 1997.